

# **A BELEZA DA MULHER NEGRA NO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE<sup>1</sup>**

**Denize Correia Silva<sup>2</sup>**

**Márcia Diana Jesus Oliveira<sup>3</sup>**

**Rozânia Salustiano<sup>4</sup>**

**Valmira Silva Santos de Jesus<sup>5</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo tem por finalidade descrever a aplicabilidade do projeto A Beleza da Mulher Negra no município de São Francisco do Conde, na comunidade de Campinas na Escola Reunidas de Campinas com as meninas das turmas do 5º ano com faixa etária entre 09 e 10 anos, visando à busca pelo reconhecimento e autovalorização e autodefinição da beleza da mulher negra no município, desta forma fazendo com que as mesmas reconheçam sua identidade enquanto meninas negras que são colocadas as margens do padrão de beleza impostas por uma sociedade preconceituosa no que se refere as tentativas de embranquecimento.

**Palavras-chave:** Beleza feminina (Estética) - Campinas (São Francisco do Conde, BA). Negras - Identidade racial - Campinas (São Francisco do Conde, BA). Projeto A Beleza da Mulher Negra.

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to describe the applicability of the project The Beauty of the Black Woman in the municipality of São Francisco do Conde, in the community of Campinas, in the Escola Reunidas de Campinas, with the girls from the 5th grade classes with ages ranging from 9 to 10 years, aiming at search for the recognition and self-valorization and self-definition of the beauty of the black woman in the city, thus making them recognize their identity as black girls who are placed on the margins of the beauty pattern imposed by a prejudiced society in regard to attempts at whitening.

**Keywords:** Black woman - Racial identity - Campinas (São Francisco do Conde, BA). Feminine beauty (Estética) - Campinas (São Francisco do Conde, BA). Project The Beauty of the Black Woman.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Aperfeiçoamento em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar - UNIAFRO, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fábila Barbosa Ribeiro.

<sup>2-5</sup> Estudantes do curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade descrever a aplicabilidade do projeto A beleza da Mulher Negra no município de São Francisco, na comunidade de Campinas na Escola Reunidas de Campinas com as meninas das turmas do 5º ano com faixa etária entre 09 e 10 anos, visando à busca pelo reconhecimento e autovalorização e autodefinição da beleza da mulher negra no município, desta forma fazendo com que as mesmas reconheçam sua identidade enquanto meninas negras que são colocadas às margens do padrão de beleza impostas por uma sociedade preconceituosa no que se refere às tentativas de embranquecimento. Uma vez que a mulher negra é a que mais sofre o crime de racismo velado que se manifesta na contracultura de não reconhecer seus valores culturais e a sua sabedoria. Sendo a Beleza algo cultural, em cada lugar ela reflete algo diferente, mas em todos eles há pessoas insatisfeitas com o próprio corpo tentando atingir o padrão imposto pela sociedade.

Vivemos em uma sociedade que pratica a discriminação e atos de racismo com frequência. E são recorrentes atos que minimizam os outros que se diferenciam da ditadura da beleza, pessoas e grupos que não correspondem aos padrões estabelecidos por uma sociedade classista e racista, que valoriza os tipos de inteligência que lhe convém, estabelece modelos de saudável, modelo de homem branco, jovem, bom, bonito, e bem sucedido, e, ainda, o que se denomina cristão, rico e sem deficiência aparente. Veja-se bem que as mulheres, de qualquer grupo étnico racial e todos os índios, afros descendentes e afros asiáticos estão fora desse padrão. Em outras palavras: o padrão de beleza é a beleza europeia, fruto de uma estrutura histórica pré-estabelecida.

As peculiaridades trazidas pelos mais diversos tipos de diferenças, sejam elas culturais, religiosos, ideológicas ou sexuais, nos possibilita viver em um ambiente bastante rico e propício para vivência de experiências de aprendizagem por meio da “Valorização do Diferente”. No entanto, esse mesmo ambiente incentiva a desigualdade social, os preconceitos negativos e a discriminação.

Desta forma pretende-se por meio desse artigo valendo dos princípios de igualdade e respeito às diferenças, cumprir o seu compromisso de reforçar os valores sociais e morais defendidos pela Lei de número 11.645/08 exaltando principalmente as belezas geográficas, culturais e

sociais da África e de nossas descendentes. E como forma de valorização da beleza negra, utilizando como base a Lei 10.639, implantada em janeiro de 2003. Essa lei estabelece como obrigatório o ensino da História da Cultura Africana e Afro Brasileira nas escolas públicas e particulares. O projeto procura responder a um dos principais desafios que se apresenta para os afro-brasileiros: a autoestima – uma vez que se verifica na sociedade brasileira a desvalorização da imagem e da história do negro.

Ao longo da História, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes histórias povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade. Pode ser, também, um importante aspecto do trabalho com a questão racial na escola que passa despercebido pelos educadores e educadoras. Em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória. Há, também, significações e tensões construídas no contexto das relações raciais e do racismo brasileiro.

Historicamente, foi relegada a mulher, a ocupação através da maciça opressão de uma sociedade paternalista, de um lugar secundário nos espaços sociais, a mulher sempre facultado o papel do ser dominado, do ser inferiorizado. A situação da mulher negra no Brasil de hoje se manifesta um prolongamento da sua realidade usada no período da escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que carrega as desvantagens do sistema injusto do país.

No século XX caracteriza-se por ter sido um período de lutas políticas e exclusão da luta das mulheres pela conquista da cidadania, nesse cenário os estudos de gênero tiveram, papel fundamental na reflexão, no aprofundamento acerca da participação das mulheres no processo histórico contribuindo para visibilidade da mulher como sujeito ativo na história

oficial. Mesmo com os avanços, a luta continua: pelo reconhecimento profissional, pela dignidade, pela honra, pelo respeito por ser mulher e por ser negra. É o resultado dessas lutas são exemplos de mulheres que batalham e conquistam seus espaços nesse mundo machistas: são mulheres que superam o preconceito e a discriminação.

Foi unindo-se em torno das lutas por reconhecimento que as mulheres começaram a ocupar um espaço antes reservado somente aos homens. Das lutas eventuais passaram aos movimentos sociais de maior expressão em busca da igualdade, de reconhecimento e de respeito às diferenças naturalmente existentes entre homens e mulheres. A partir deste momento, as mulheres adquiriram uma nova identidade, que possibilitou uma nova história das mulheres, agora com direitos assegurados formalmente e inseridas nos diversos campos de atuação do mercado de trabalho.

O século XXI atesta esta nova realidade, com mulheres inseridas no mercado de trabalho em diversas áreas de atuação, à frente de postos de comando, mulheres independentes que não mais se sujeitam à violência por parte dos maridos ou companheiros, mulheres com voz ativa na sociedade tomando decisões importantes no contexto social, mulheres com liberdade e direito de expressão, enfim, mulheres cidadãs, porém, isso não quer dizer que as desigualdades deixaram de existir, elas persistem, todavia de forma mais amena, vez que grande parcela da população de mulheres, atualmente, não silencia.

No que diz respeito à realidade brasileira, Sueli Carneiro (2003) ressalta que nos últimos períodos, as mulheres negras brasileiras têm atuado pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não como inferioridade.

Mas a contribuição e novidade do artigo estão no percurso do estudo realizado, sem perder o fio das relações humanas responsáveis pela reconstrução de padrões e significados de beleza.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Provocar situações confrontando conceitos diversos, buscando uma percepção seguida de valorização, ressignificação e afirmação da sua identidade bem como respeito do que é

similar ou diferente.

### 3 QUADRO TEÓRICO

Segundo a autora Nilma Lino, a reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade como processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social. Como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades Constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.

Reconhecer-se numa delas supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muita identidade se essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural (Louro, 1999).

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos

negros brasileiros.

Dando continuidade às reflexões realizadas, o corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. A discussão sobre a riqueza do trato do corpo negro e sobre os processos de opressão que o mesmo tem recebido ao longo da história pode vir a ser uma rica atividade pedagógica a ser desenvolvida com as alunas em sala de aula, possibilitando debates e atividades sobre a história e a cultura afro-brasileira. Nesse processo, um estudo sobre o negro, o cabelo crespo e as práticas corporais pode ser um bom caminho.

Para problematizar os fluxos de identificações dos corpos femininos negros, focalizo o cabelo, um ícone identitário (GOMES,2006), responsável pelo handicap de mulheres negras na sociedade.Segundo Gomes (2006,p.20) “cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil”, isso porque esses dois traços fenótipos constituem as bases sobre as quais nossas culturas entendem o que se denomina beleza negra.

Munanga (2003) afirma que a identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento, percepção dos outros esta, o que significa que, uma má percepção dotada de preconceitos e valores negativos, possivelmente, gerará prejuízos à identidade. A partir do momento que um grupo ou a sociedade de um modo geral imprimem uma imagem limitada e depreciativa de uma pessoa, essa pessoa poderá ter também uma imagem deformada de o que inclui questões relacionadas à inteligência, beleza, envolvendo diretamente a autoestima. Pois a cultura corporal é um elemento de afirmação no processo de construção da identidade e da cultura afro- brasileira. É de suma importância considerar as práticas corporais na ressignificação da cultura, principalmente da mulher negra. O modo de falar, andar, bem como o modo de se vestir, denota o quanto o corpo fala a respeito da herança afro-brasileira. Na contemporaneidade, as pesquisas, os programas, as revistas, enfim, a mídia no geral deixa bem claro que, os corpos mais desejados são aqueles exigidos pela sociedade: magro, depilados, sem marcas ou rugas, cuidados pelos melhores esteticistas.

Sueli Carneiro (2003) apresenta o feminismo brasileiro com importância mundial e relação com políticas públicas. Mesmo sem conhecimento de teorias sobre o assunto, mulheres negras vivenciam as opressões e fazem movimentos de resistência. Logo,não é preciso ter

conhecimento acadêmico ou estudar o assunto para experienciá-lo, detectá-lo de alguma forma e responder a essa opressão. Existe uma valorização do saber acadêmico e científico em detrimento do saber popular, do saber decorrente da prática, também considerado como uma forma de exercício, fortalecimento do racismo e classismo.

Assim podemos salientar que a partir dos movimentos de mulheres negras houveram avanços e conquistas exercendo ações políticas, conforme as suas idéias particulares que são moldadas por valores e crenças, construídos com base nos movimentos sócias do qual participam.

#### **4 METODOLOGIA**

O projeto de intervenção será desenvolvido na comunidade de Campinas com alunas do Ensino Fundamental da Escola Reunidas de Campinas, faixa etária 9 e 10 anos na comunidade de Campinas, É importante levar em consideração que na comunidade existe uma maior concentração da população negra e pobre tendo como renda os benefícios PAS e Bolsa Família.

Os encontros serão realizados uma vez por semana na escola Reunidas de Campinas, com tempo estimado de dois meses.

Porém as principais metodologias do projeto são passadas através de reflexões e relatos de meninas que já sofreram ou não pela desvalorização, combatendo e questionando os padrões de beleza. Trabalhar a representatividade com meninas negras é de extrema importância para o desdobramento da opinião crítica de cada menina.

<b>ATIVIDADE</b>	<b>DATA</b>	<b>DISCIPLINA/DESENVOLVIMENTO</b>
Localização da África no Globo Terrestre	18 de março de 2016	<b>Geografia</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de um grande mapa da África colocando figuras que representem o continente Africano</li> </ul>
História: Cabelo de Lelê Autora: Valéria Belém, Companhia Editora Nacional, 2008.	25 de março de 2016	<b>História/Português/Artes</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar bonecas as meninas com características diferenciadas dando nome e inventando uma história de vida para cada boneca.</li> <li>• Criação de documentos pessoais da boneca</li> <li>• Construção de bonecas em EVA</li> </ul>
Filme: Vista minha pele.  Leitura e análise do livro: O que há de África em nós	01 de abril de 2016	<b>Português/História</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do filme vista minha pele. Conversação sobre filme.</li> <li>• Construção de texto coletivo referente ao filme.</li> <li>• Interpretação e discussão em grupo sobre a leitura do livro.</li> </ul>
Trabalho com espelho	08 de abril de 2016	<b>Português/Educação física</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise da própria imagem em frente ao espelho.</li> <li>• Auto avaliação do reconhecimento do próprio corpo.</li> <li>• Movimentos corporais com fundo musical;</li> </ul>
Leitura do artigo: Racismo, Mídia e Educação no Brasil:	15 de abril de 2016	<b>História social</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de como é retratada a mulher</li> </ul>



entre avanços e invisibilidades.de Túlio de Souza Muniz.		negra na mídia; • Construção de cartazes de personagens negros influentes na mídia.
Oficina de acessórios de beleza	22 de abril de 2016	<b>História Social/Artes</b> • Confecção de colares e brincos por artesã da comunidade • Stands com acessórios
Oficina de tranças	29 de abril de 2016	<b>História Social/Artes</b> • Participação de algumas mulheres da comunidade para trançar os cabelos das alunas.
Desfile	Encerramento dia 06 de maio de 2016	<b>Culminância</b> • Desfile das alunas.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Sendo a educação uma demanda e direito de todos e é o maior espaço para a construção de identidades de resistência, da supressão dos discursos racistas, lugar que deve possibilitar empoderamentos, favorecer a cidadania, debater o multiculturalismo, entre outras inúmeras possibilidades. Pensando nisso que surgiu a proposta de refletir com a comunidade de Campinas, juntamente com as alunas do 5º ano a importância da discussão da representação das diferenças e os padrões de beleza da mulher negra no município e como a mídia reflete nesse processo.

Acreditamos que com essa intervenção haja mudanças de pensamentos, posturas, aceitação favorecendo o fortalecimento da identidade negra, integrando de modo positivado a cultura e história negra.

## REFERÊNCIAS

BRÁS, Géraid. **Hegel e a Arte**. Trad. **Maria Luiza X. de A. Borges**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

PROJETO PÉROLAS NEGRAS: valorização da diversidade cultural na escola.  
Raíssa Rosa Quadra, 2015.

GOMES, N.L. Educação. **Identidade Negra e Formação de Professores. Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Minas Gerais, p171-176. 2003.

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb, Niterói, Editora da UFF, N 5, p. 15- 34, 2003.

CARNEIRO, Suely. **Mulheres em movimento (“Enegrecer o feminismo”)**. Estudos Avançados, v.17, n. 49, 2003, p. 117-132.